

SHINTOISMO

O Shintoísmo é uma das mais ancestrais comunicações animistas entre o Homem e a Natureza, que antecedeu as primeiras religiões que surgiram na história da civilização humana.

Os antropólogos conhecem bem a importância desta prática nas culturas mais antigas e a sua ligação ao desenvolvimento do ser humano na terra.

O Shinto foi sendo praticado no Japão desde os primórdios da civilização humana. O facto de o Japão ter estado alguns séculos parcialmente isolado do resto de outras culturas e ser um país de ilhas, permitiu-lhe manter intacto muito “saber ancestral”, nomeadamente no que diz respeito aos rituais ligados à natureza.

No Shintoísmo, a natureza é criada pelos deuses e, sendo Divina, ao respeitá-la, recebe-se proteção e abundância dos “kamis”.

Kami significa “entidade divina” e existem muitos, podendo manifestarem-se mais intensamente nos rituais sagrados e nos recintos designados por “Jinja” (Fig. 1). Estes locais são cercados de forma natural e não é permitido fazer barulho ou alterar o seu habitat natural. A entrada é demarcada por um ou mais portais pintados de vermelho que se designa por “Tori”, (Fig. 2) e a partir deste não é permitido usar telemóveis, fazer barulho, alterar o habitat, retirar animais ou não respeitar os rituais dos templos.



Os Jinjas podem localizar-se no topo de uma montanha, numa floresta, numa grande árvore, num rio, numa cascata de água pura, num jardim, no mar ou local onde a natureza é respeitada, e são escolhidos consoante a energia que as “Miko” sentem nesse local.

“Miko” é o nome dado às mulheres que trabalham no Jinja, ou seres com características de médium e trabalham exclusivamente para o serviço sagrado no Shinto. Conectam diretamente com os kamis, isto é, recebem informações deles para as transmitirem aos humanos. São discretas, silenciosas, centradas nas suas atividades e têm dons artísticos especiais.

São jovens, virgens, reservadas e são consultadas pelos crentes em diversas alturas, realizando rituais relacionados com os nascimentos, casamentos, rituais de sementeiras e colheitas e decisões importantes nas famílias. As Miko do Grande Jinja de kasuga em Nara, chamam-se “Mikanko”, um nome respeitável

para uma mulher que serve os kamis na tradição sagrada do Shinto e não podem cortar o cabelo.

Esta palavra em japonês pronuncia-se Kami, exatamente da mesma forma oral que Deus, apesar dos kanji escritos que os designam serem diferentes.

O Grande Jinja de kasuga é famoso por possuir mais de dez danças originais – Shaden Kasuga e 4 kamis, e tem mais de 1200 anos de músicas e rituais escritos. Os Shaden Kasuga são puramente japoneses e passam de geração em geração.

Quando as Mikanko dançam em festivais, a energia que emanam da sua dança é dedicada aos kamis do Jinja e não à audiência. Demoram cerca de 5-10 anos a treinarem-se e qualquer erro pode ser fatal. As danças são muito precisas e subtis, pois exigem muita concentração.



Estes rituais são acompanhados por música tradicional Japonesa - "Taiko", que significa a pureza do primeiro pulsar do coração de uma criança quando concebida, ou o pulsar da alma japonesa.

Nos arrozais e na colheita das folhas de chá, é tradicional o trabalho ser executado ao som dos tambores Taiko, com rituais Shintoístas em harmonia com a natureza, e tudo flui de forma magistral, rítmica e de uma beleza incomparável, que torna o duro trabalho quase numa magia de delicadeza vinda dos kamis com abundância e riqueza.

Comecei por me interessar pela cultura japonesa depois de ter recebido um seminário de Jikiden Reiki do meu mestre Japonês, Tadao Yamaguchi Sensei, em 2006. Após esta experiência, pesquisei as origens do Reiki no Shintoísmo e pelo significado de "Energia" no Shinto.

Praticando e ensinando Jikiden Reiki deu-me outra visão da cultura japonesa e do Shintoísmo. Fui lendo e descobrindo o fascínio por esta cultura... Toda a informação que estava ligada a este tema, pessoas, atividades, livros, eventos, sabores, iam surgindo de forma natural na minha vida.

Constatei no Japão que a energia, para o povo japonês, é algo do senso comum e está tão enraizado nos seus costumes, na sua sensibilidade e nos seus hábitos, que mesmo que alguns jovens atuais não acreditem, naturalmente a identificam nas pessoas, na natureza e nos objetos.

Esta característica dos japoneses não se confina só quando vivem no Japão. Quando migram para outros países, ela se mantém ativa. No entanto, torna-se mais forte dentro do seu país devido às práticas Shintoístas e à sua própria língua – Kototama.



Kototama significa "alma da palavra" ou "energia da palavra" ao ser pronunciada e escrita. Ao ser praticada há milhares de anos, a sua escrita é considerada uma arte ancestral e a pronúncia tem uma vibração energética que exige harmonia mental – "Hado". Ao ser pintada, dá ao executante uma harmonia mental especial, transmitindo-a ao corpo. Poucos ocidentais sentem esta energia subtil.

As florestas no Japão são muito respeitadas e a árvore tem uma simbologia muito especial. Na língua japonesa o Kanji que designa árvore é muito semelhante ao que designa Deus. Após a segunda guerra, o governo japonês mandou florestar massivamente os terrenos, não só para manter parte do património cultural do Japão, mas também para lembrar que o Shintoísmo estava vivo e que as árvores iriam continuar a enviar energia curativa às pessoas.

Nestas florestas existem muitas árvores que dão madeiras semipreciosas raras e os japoneses conhecem a sua grande importância, quer sob o ponto de vista ecológico, quer sob o ponto de vista energético.

Retiram o pó dos seus troncos delicadamente para produzirem incenso, que comercializam de forma rigorosamente artística, com um leque de sensações de puros odores, que nos transportam aos recônditos das florestas mágicas e ao perfume da memória da Terra Pura e da história deste povo (Fig. 3). São considerados por isso os melhores, pois não possuem óleos ou aditivos.

É um facto que nos sentimos bem nos Jinjas e que o solo tem uma energia tão forte que quem vive neste país, ou quem for treinado na prática de Jikiden Reiki, poderá senti-la mais intensa naqueles locais. Os japoneses souberam isso desde sempre e o mais interessante é que, apesar da modernidade, eles conservam em paralelo o respeito e misticismo pela natureza.



As árvores com muitos anos são consideradas sagradas e dentro dos santuários são elementos de conexão com os Kamis. Não podem ser tocadas e costumam ser limitadas por uma cerca de sisal com 8 papéis brancos recortados - "Shimenawa", para indicarem que incorporam um kami (Fig. 4). No Japão o 8 simboliza o Universo.

O Imperador Meiji (1865-1912) foi um forte incentivador do Shintoísmo. Foi um homem muito culto e sábio. Escreveu mais poemas do que o número de dias que viveu. No seio da cidade de Tóquio, existe uma bonita floresta quase virgem, onde se encontra o "Jinja" deste Imperador. Neste local, cada árvore podia contar uma história e transportar-nos ao Japão antigo (Fig. 6). Os japoneses dizem que ao visitarmos o seu "Jinja", ainda sentimos a energia deste Imperador.

Nos templos shintoístas a energia curativa é emanada para a memória de todos os que por ali passam, fazendo-nos sentir bem, revigorando-nos e marcando para sempre as nossas vidas.

Por isso é fácil entender porque os japoneses se sentem melhor no Japão, do que em qualquer outra parte do mundo.

O Shinto permite ao povo japonês a característica de se reconhecer como uma identidade cultural única e é o "elo energético da sua cultura". Une os japoneses fora e dentro do Japão, através desta Grande Alma Universal que é o Shintoísmo, com uma linguagem própria de "energia", que conserva religiosamente para presentear as novas gerações, e lembrar que a natureza é Divina e por isso deve ser respeitada.

www.jikidenreikijapao.com
Filomena Gomes